

Próximas exposições

ÁLVARO LAPA

Artes Visuais x

LENDO RESOLVE-SE:
ÁLVARO LAPA E
A LITERATURA

18 JAN – 19 ABR 2020
Galeria

Culturgest

Artes Visuais x

TRIENAL DE
ARQUITECTURA
DE LISBOA

O QUE É O
ORNAMENTO?

WHAT IS
ORNAMENT?

CURADORIA / CURATED BY
AMBRA FABI, GIOVANNI PIOVENE

5 OUT – 1 DEZ 2019

O QUE É O ORNAMENTO?

Mais de um século após o manifesto de Adolf Loos, *Ornamento e Crime* (1908), a discussão sobre o ornamento está longe de estar concluída.

O debate à volta do ornamento e da sua natureza esquiva – será o ornamento inevitável ou uma decoração fútil? – conduziu a mudanças-chave no rumo da história da arquitetura. O ornamento na arquitetura nunca desapareceu, mas evoluiu ao longo do tempo para diversas encarnações acolhidas, rejeitadas ou reinventadas, como um espelho das posições teóricas predominantes. Observando a forma como o ornamento coincide ou coexiste com a arquitetura, podemos decifrar mudanças históricas, acelerações repentinas ou reprises nostálgicas.

A exposição formula uma grande questão, que tem como objetivo reconfigurar a discussão sobre o ornamento, focando particularmente a sua apropriação e interpretação atuais. Ao tentar encontrar respostas possíveis, a exposição mostra a complexidade de uma narrativa multifacetada, que analisa a própria essência do ornamento. Efetivamente, ela reage ao que parece ser o constante retorno, fresco, autoconfiante e jovial do ornamento, entendido no seu sentido pré-digital, para lá da sua iteração superficial do início dos anos 2000. Hoje parece natural investigar-se a forma e a proporção contemporâneas de uma coluna; considerar cuidadosamente as junções entre os elementos; questionar a natureza do revestimento, como um projeto, e não como uma consequência; projetar fachadas expressivas com imagens e tipografia; e revestir superfícies com padrões, motivos, texturas, materiais e cores. Como arquitetos, podemos decidir concentrar

os nossos esforços no aparato ornamental para maximizar os resultados. Quer esse processo seja consciente ou inconsciente, ou simplesmente uma reação à falta de meios, parece necessário redefinir o limiar atual entre ornamento e decoração; repensar o que nos podemos permitir na nossa prática diária.

Como pode o ornamento ser reconsiderado hoje como parte integrante da arquitetura? Qual é a sua posição exata? Onde pode ele existir? Qual o seu impacto e o seu valor? Ainda podemos falar sobre ornamento como uma opção quantitativa ou qualitativa?

A exposição *O que é o Ornamento?* está organizada em seis salas, cada uma dedicada a um aspecto particular. O design da exposição, realizado por Richard Venlet, está ancorado no conteúdo da exposição, mas também na arquitetura pós-moderna tardia do edifício que alberga a Culturgest. Na entrada central da exposição foi construída uma grande parede monumental em forma de arco. A forma da parede não só ecoa as múltiplas arcadas do edifício, mas também cria uma lógica de circulação clara para a exposição, ao ligar as seis salas à sua volta. Aberta por uma série de portas e janelas, a parede central guia o visitante pelas salas de exposição adjacentes, onde fragmentos *copy-paste* de si própria estão espalhados servindo de fundos, espaços de exposição e divisórias espaciais.

WHAT IS ORNAMENT?

More than a century after Adolf Loos' manifesto *Ornament and Crime* (1908), the discussion about ornament is far from settled. The debate around ornament and its elusive nature – is ornament unavoidable or is it vain decoration? – has driven key changes in direction throughout the history of architecture. Ornament in architecture never disappeared, but evolved through time into diverse incarnations, either embraced, rejected or reinvented, as a mirror of the prevailing theoretical positions. By looking at the way ornament coincides, or coexists with architecture, we can decipher historical changes, sudden accelerations or nostalgic reprises.

The exhibition formulates a big question which aims to reconfigure the discussion about ornament, particularly focusing on its current appropriation and interpretation. By trying to find possible answers, the exhibition shows the complexity of a multifaceted narrative which looks into the very essence of ornament. As a matter of fact, it reacts to what seems to be an ongoing, fresh, self-confident and joyful return of the ornament, intended in its pre-digital sense, beyond its superficial iteration of the early 2000s. Today it seems natural to investigate the contemporary form and proportion of a column; to carefully consider the junctions among elements; to question the nature of cladding, as a project rather than as a consequence; to design expressive facades with images and typography; and to dress surfaces with patterns, motifs, textures, materials and colours. As architects, we can decide to concentrate our efforts on the ornamental apparatus in order to maximize

results. Whether this process is conscious or unconscious, or simply a reaction to a lack of means, it seems necessary to redefine the current threshold between ornament and decoration; to rethink what we can allow ourselves in our daily practice. How can ornament be reconsidered today as an integral part of architecture? What is its impact and its value? Can we still talk about ornament as a quantitative or qualitative option?

What is Ornament? is organized in six rooms, each one dedicated to a different feature. The exhibition's design, realized by artist Richard Venlet, is anchored to the content of the exhibition but also to the late postmodern architecture of the building where Culturgest is housed. At the central exhibition entrance, a large monumental arched shaped wall is built. The shape of the wall not only echoes the many arcades of the building but also creates a clear circulation logic for the exhibition by connecting the six exhibition rooms surrounding it. Opened by a series of doorways and windows, the central wall guides the visitor throughout the adjacent spaces where its copy-paste scattered fragments serve as backgrounds, exhibition displays and spatial partitions.

1. MODELAGENS MOULDINGS

A modelagem é a pedra de toque do arquiteto. Aqui ele revela-se como artista ou mero engenheiro. A modelagem está livre de qualquer restrição. Aqui já não há qualquer questão de costume nem de tradição, nem de construção, nem de adaptação a necessidades utilitárias. A modelagem é uma pura criação da mente; chama pelo artista plástico.

Moulding is the touchstone of the architect. Here he reveals himself as an artist or mere engineer. Moulding is free of all constraint. There is, here, no longer any question of custom, nor of tradition, nor of construction nor of adaptation to utilitarian needs. Moulding is a pure creation of the mind; it calls for the plastic artist.

Le Corbusier, *Towards a New Architecture* (1923)

Como ondulações na forma geral do edifício, as modelagens são os elementos constitutivos mais pequenos do ornamento. A sua presença é frequentemente discreta, cuidadosamente medida. Se pudermos falar de economia de ornamento, as modelagens são os pontos onde se concentram as intenções formais. As modelagens fazem a um edifício o que a pontuação faz a um texto: introduzem ritmo, tom e hierarquia, permitindo um certo grau de comunicação. Observamos as modelagens para entendermos os edifícios, lermos a sua idade, conhecermos o seu proprietário, compreendermos o seu carácter e a sua função.

Devido à falta de meios, os arquitetos parecem estar hoje obrigados a concentrar e reduzir o seu foco em poucas decisões. As modelagens contemporâneas são ao mesmo tempo joviais e económicas. Geralmente, são o resultado de uma recomposição e de um uso errado consciente de elementos existentes, em vez da elaboração de um produto novo. Degraus, ondas, bocéis, escócias, filetes parecem ter-se tornado numa investigação atual sobre a linguagem das formas arquitetónicas. Por vezes, a forma de uma modelagem, quando ampliada, influencia a silhueta de edifícios inteiros.

Like ripples on the overall building form, mouldings are the smaller constitutive elements of ornament. Their presence is often discrete, carefully measured. If we can talk about an economy of ornament, mouldings are the places where to concentrate formal intentions. Mouldings does to a building what punctuation does to a text: they introduce rhythm, tone and hierarchy, allowing a certain degree of communication. We look at mouldings in order to understand buildings, to read their age, to know about their owner, to comprehend their character and their function.

Due to an existing lack of resources, today architects seem to be forced to direct and reduce their focus into few decisions. Contemporary mouldings are, at the same time, joyful and inexpensive. They are often the result of a re-composition and conscious misuse of existing elements rather than the elaboration of a brand-new product. Steps, waves, tori, scotias, fillets seem to have become a current investigation in the language of architectural forms. Sometimes the form of a moulding, when blown up in scale, influences the silhouette of an entire building.

As colunas são desde sempre elementos estruturais ambivalentes: se, por um lado, suportam um edifício e transferem a sua carga para o solo, por outro, constituem um instrumento de comunicação feito de formas, símbolos e alegorias naturais. Se os pilares são o resultado físico dos cálculos do engenheiro, as colunas transcendem frequentemente a matemática, logo, a economia. Quando observamos os seus desempenhos estáticos mensuráveis, as colunas podem facilmente parecer demasiado grossas, demasiado finas, em demasiado número. As colunas seguem as leis da proporção e da beleza partilhada.

Longe do pragmatismo moderno de um pilar ou da replicação pós-moderna dos modelos clássicos, a arquitetura das práticas contemporâneas parece seguir uma busca sincera da natureza e do papel desses objetos totémicos renovados. Colossais ou finas, falsas ou reais, técnicas ou exuberantes, as colunas podem ser o pretexto de um manifesto formal. Sendo um lugar desinibido de manifestação de posições específicas, uma coluna é reapropriada como escultura, mobiliário ou suporte de experimentação tecnológica e formal.

Since ever, columns are ambivalent structural elements: if, on the one hand, they carry a building and transfer its load to the ground, on the other, they hold a communication apparatus made of forms, symbols and natural allegories. If pillars are the physical results of the engineer's calculation, columns often transcend mathematics, thus economics. When we look at their measurable static performances, columns can easily seem too thick, too thin, too many. Columns follow the laws of proportion and shared beauty.

Far from the modern pragmatism of a pillar or the postmodern quotation of classical models, the architecture of contemporary practices seems to follow a sincere quest for the nature and the role of these renewed totemic objects. Massive or thin, fake or real, technical or exuberant, columns seem to become the pretext to write a formal manifesto. As a disinhibited place of demonstration of specific positions, a column is re-appropriated as a sculpture, or as a piece of furniture, or as a support of technological and formal experimentation.

2. COLUNAS COLUMNS

O principal ornamento de toda a arquitetura está certamente nas colunas.

The principal ornament in all architecture certainly lies in columns.

3.

PAREDES

WALLS

Devemos trabalhar de tal maneira que seja impossível confundir o material revestido com o seu revestimento. Isto significa, por exemplo, que a madeira pode ser pintada de qualquer cor, exceto uma – a cor da madeira.

We must work in such a way that a confusion of the material clad with its cladding is impossible. That means, for example, that wood may be painted any color except one – the colour of wood.

Adolf Loos, “The Principle of Cladding” (1898)

As paredes podem ser consideradas como descendentes das tendas, se seguirmos a posição de Gottfried Semper: tanto a parede quanto a tenda são revestimentos arquitetônicos. Grossa e estrutural como a pedra, os tijolos ou o betão em massa, ou fina como uma camada de revestimento, um forro de tecido ou uma camada de tinta, a pele de um edifício é o que separa os espaços interiores do mundo exterior. As paredes têm sido frequentemente a expressão do tectónico de um edifício. A forma como os tijolos ou os blocos de pedra são montados, como o betão é moldado ou as tendas são costuradas, possibilita a compreensão das intenções arquitetónicas e estruturais por detrás da superfície.

Hoje em dia, o revestimento parece inevitável. Os regulamentos atuais obrigam a pôr em campo a construção por camadas, tornando os edifícios muito mais complexos do que há cem anos atrás; as paredes são hoje constituídas por várias camadas, cada uma com o seu papel específico: suporte, isolamento, revestimento. As práticas contemporâneas parecem considerar essa condição como um projeto consciente que abre novas possibilidades de design. Superfícies de cores, têxteis industriais, malhas metálicas, painéis listados e azulejos geométricos tornam-se a expressão da visão renovada da arquitetura.

Walls can be considered the descendant of tents, if we follow Gottfried Semper’s position: both the wall and the tent are architectural skins. Thick and structural as stone, bricks or mass concrete, or thin as a cladding layer, a textile dress or a coat of paint, the skin of a building is what separates interior spaces from the outer world. Walls have often been the expression of the tectonics of a building. The way bricks or stone blocks were assembled, concrete was moulded or tents were sewed, made it possible to understand the architectural and structural intentions behind the surface.

Nowadays cladding seems unavoidable. Current regulations force layered construction into the game making buildings much more complex than a hundred years ago; walls are today made out of many layers, each one with its own particular role: bearing, insulating, cladding. Contemporary practices seem to consider this condition as a conscious project, which opens up new possibilities of design. Coloured surfaces, industrial textiles, metallic meshes, stripy panels and geometric tiles become the expression of the renewed dress of architecture.

Os padrões são combinações regularmente repetitivas, geralmente encarados apenas como decoração: os padrões tendem a cobrir todos os campos vazios dos nossos interiores ricamente projetados. Apesar da sua aparente inocência, os padrões ocultam as estruturas organizacionais que refletem o tempo e a sociedade que os criou.

Pela sua geometria, cor e densidade, os padrões são capazes de transmitir significados imediatos através de códigos partilhados. O nosso mundo contemporâneo é rico em padrões, mas será que todos os padrões refletem uma intenção de design consciente?

Para explorar este tópico, podemos tentar rascunhar uma nova gramática do ornamento, definindo novas regras através da ativação de um conhecimento coletivo; podemos revelar e classificar motivos comuns ocultos quando extraídos do seu contexto geográfico; ou podemos condensar a experiência do fértil período radical, como forma de reativar a superfície neutra atual.

Patterns are regularly repetitive arrangements, generally dismissed as decoration: patterns tend to cover all the empty fields of our richly designed interiors. Despite their apparent innocence, patterns hide organizational structures reflecting the time and the society which have generated them.

By their geometry, colour and density, patterns are able to convey immediate meanings through shared codes. Our contemporary world is rich in patterns, but does every pattern reflect a conscious design intention?

In order to explore this topic, we can try to draft a new grammar of ornament, defining new rules through the activation of a collective knowledge; we can reveal and classify hidden ordinary motifs when extracted from their geographical context; or we can condense the experience of the fertile radical period, as a way to reactivate the neutral surface today.

4. PADRÕES PATTERNS

E assim escolhi texturas como o grão e os mosaicos dos lavabos dos metropolitanos das grandes cidades, ou como as redes de vedações suburbanas, como o papel mata-borrão dos livros de contas oficiais e dos livros de registo da polícia, e depois escolhi cores como as das cadeiras encontradas na leitaria, aqui perto da minha casa...

And so I chose textures like the grain and the mosaics of the lavatories of the undergrounds of the great metropolises, or like the nets of suburban fences, or like the blotting paper of ministerial account books and police ledgers, and then I chose colours such as those of the chairs to be found in the dairy here near my home...

5.

RECIPIENTES VESSELS

Os arquitetos modernos abandonaram uma tradição de iconologia na qual a pintura, a escultura e os gráficos combinavam com a arquitetura. Os delicados hieróglifos num pilone arrojado, as inscrições arquetípicas de uma arquitrave romana, as procissões nos mosaicos de Sant’Apollinare, as tatuagens onnipresentes sobre uma capela de Giotto, as hierarquias consagradas à volta de um portal gótico, até os frescos ilusionísticos de uma *villa* veneziana, todos eles contêm mensagens para lá da sua contribuição ornamental para o espaço arquitetónico.

Modern architects abandoned a tradition of iconology in which painting, sculpture and graphics were combined with architecture. The delicate hieroglyphics on a bold pylon, the archetypal inscriptions of a Roman architrave, the mosaic processions in Sant’Apollinare, the ubiquitous tattoos over a Giotto Chapel, the enshrined hierarchies around a Gothic portal, even the illusionistic frescoes in a Venetian villa, all contain messages beyond their ornamental contribution to architectural space.

Robert Venturi, Denise Scott Brown and Steven Izenour, *Learning from Las Vegas* (1972)

Superestruturas de informação, como textos, frescos ou telas, parecem ter-se tornado novamente num excelente instrumento para compor a fachada de um edifício. Fachadas adornadas contêm informação, amplificam a presença do edifício, abordam a multidão de pessoas que habitam o espaço urbano. Como molduras que sustentam narrativas comuns, os edifícios tornam-se recipientes de uma nova memória colectiva. Um texto pode tornar-se no friso de um museu ou no ornamento de uma praça pública, um políptico de imagens feitas de tijolos pode condensar o conteúdo de um edifício, uma tela grande torna-se no principal dispositivo arquitetónico de um pavilhão bastante pequeno: a arquitetura parece estar investida, uma vez mais, de um papel público.

Information superstructures, such as texts, frescoes or screens, seem to have again become an outstanding instrument to compose the façade of a building. Adorned façades carry information, amplify the building’s presence, address the multitude of people inhabiting the urban space. Like frames supporting common narratives, buildings become the vessels of a new collective memory. A text can become the frieze of a museum or the ornament of a public square, a polyptych of images made out of bricks can condense the content of a building, a big screen becomes the main architectural device of a rather small pavilion: architecture seems to be invested, once again, of a public role.

Costumamos pensar no ornamento relacionado com a arquitetura. Talvez estejamos menos habituados a imaginar o que é ornamento à escala da cidade, do ambiente. Se num edifício o ornamento é classificado e compreensível, quando pensado à escala urbana ele dissolve-se. Em vez de pontual e concentrado – como as molduras de um edifício – torna-se aqui transitório e efêmero: entram em cena o tempo e o contexto. Como a poeira no ar, o ornamento permeia o ambiente onde vivemos sem ser impositivo.

Hoje parece prevalecer uma nova consciência do contexto urbano. Um *input* novo e delicado, feito a partir de uma constelação de pequenos gestos, objetos e móveis espalhados, adorna um ambiente urbano existente sem impor uma nova ideia do que uma cidade deve ser. Adoptando a temporalidade de um evento, o ornamento pode tornar-se num novo momento na vida pública. Como fogo de artifício, o ornamento pode aparecer em toda a sua intensidade e desaparecer de imediato.

We are commonly used to think of ornament when related to architecture. We are perhaps less used to imagine what ornament is at the scale of the city, of the environment. If, in a building, ornament is classifiable and understandable, when considered at the urban scale ornament dissolves and becomes transient and ephemeral – time and context enter the scene. Like atmospheric dust, ornament permeates our living environment, without being too loud.

Today a new awareness of the urban context seems to prevail. A new, delicate, input made out of a constellation of small gestures, scattered objects and furniture adorn an existing urban environment without over-imposing a brand new idea of what a city has to be. Adopting the temporality of an event, ornament can become a new moment for public life. Like fireworks, ornament can appear in all its intensity and immediately disappear.

6. FOGO DE ARTIFÍCIO FIREWORKS

A cidade está a ser constantemente transformada pela sua decoração “invisível” – pelos cabos dos eléctricos, postes de iluminação e mudanças de padrão nos pavimentos, pelo estrume de cavalo que Ruskin odiava; pelas carroças, carros, autocarros de turismo; pela chuva e inundações; por casamentos, funerais; estações e cerimónias; por vendedores de rua, montras, painéis publicitários, graffiti, cartazes; pelas formas de andar e vestir das pessoas e pelo que transportamos. Todas estas coisas são a decoração invisível da cidade, invisível porque muda tão lentamente, porque é tão normal.

The city is being constantly transformed by its “invisible” decoration – by tram-wires, lampposts and change of paving pattern, by the horse manure that Ruskin hated; by carts, cars, tourist buses; by rain and floods; by weddings, funerals; seasons and ceremonies; by street sellers, shopfronts, sky-signs, graffiti, posters; by people ways of walking and dressing and by what we are carrying. All these things are the city’s invisible decoration, invisible because they change so slowly, because they are so normal.

Alison and Peter Smithson,
“Urban Decoration” (1968)

O QUE É O ORNAMENTO? WHAT IS ORNAMENT? PARTICIPANTES / CONTRIBUTORS 2A+P/A 51N4E 6a architects Adam Nathaniel Furman Alison and Peter Smithson Ania Jaworska ARCHIZOOM Architecten De Vylder Vinck Taillieu Armin Linke Arthur Mamou-Mani Assemble studio Barbas Lopes baukuh Bas Princen BeL Bernard Tschumi Bijoy Jain Bruther Caruso St. John Architects Cesare Leonardi e Franca Stagi Christ & Gantenbein Cristina Goberna David Leech Dhooge & Meganck Eric Lapierre Experience Faissal El-Malak fala Farshid Moussavi Architecture Fernanda Fragateiro Fosbury Architecture Francesca Torzo Giaime Meloni Gustavo Utrabo HARQUITECTES Jean-Benoît Vétillard Jessica Pappalardo Karel Martens Kensuke Koike Koenraad Dedobbeleer Kuehn Malvezzi Kulttuurisauna I'AUC Lawrence Weiner LIST Lubna Chowdhary Lulu Li Lütjens Padmanabhan Architekten MAIO Marina Tabassum Architects Martina Björn Matilde Cassani Matt Mullican Monadnock Na Kim Neutelings Riedijk Architects Nickisch Walder OFFICE Kersten Geers David Van Severen Onsitestudio OMMX Ortalli Verrier Owen Jones	Pablo Bronstein Philipp Schaeerer Point Supreme Priya Khanchandani Rana Begum Raqs Media Collective Richard Venlet Sam Jacob Studio Simon Boudvin Stefano Graziani Studio SNCDA Studio Vacchini Superstudio Sinta Tantra Sumayya Vally Timothy Smith & Jonathan Taylor Truwant + Rodet Urtzi Grau & Guillermo Fernández-Abascal Valerie Mannaerts YellowOffice CURADORIA / CURATORS Ambra Fabi Giovanni Piovene DESENHO DE EXPOSIÇÃO / EXHIBITION DESIGN Richard Venlet ASSISTENTES DE CURADORIA / CURATORIAL ASSISTANTS Antonello Calabrese Costanza Zeni COORDENAÇÃO DE PROJETO / PROJECT COORDINATION Marta Moreira Inês Vidal AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGEMENTS Os curadores gostariam de agradecer a colaboração / The curators would like to thank the collaboration: Pela sua inspiração, conversas, sugestões, desafios e comentários críticos / For their inspiration, conversations, suggestions, challenges or critical comments: Laurent Koetz, Vasco Melo, Jelena Pancevac, Daniele Pisani, Richard Venlet, Amaryllis Jacobs, Ines Weizman e aos estudantes do mestrado da/and the master's degree students of École d'Architecture de la Ville et des Territoires Paris Est. Pelo acesso aos seus arquivos pessoais / For the access given to their personal archive: Gian Piero Frassinelli, Franco Raggi, Studio Vacchini, Bernard Tschumi. Pelo empréstimo e restauro do filme <i>Ornamento e Delitto</i> / For the loan and restoration of the movie <i>Ornamento e Delitto</i> (Aldo Rossi, Gianni Braghieri, Franco Raggi, 1973): Fondazione Aldo Rossi with the collaboration of Cineteca di Bologna.	Pelo empréstimo de obras de arte / For the loan of specific artworks: A plus A Gallery, Archivio Architetto Cesare Leonardi, Archívio Centro Studi Poltronova per il Design, AA School of Architecture, Cristina Guerra Contemporary Art, CSAC – Università di Parma, Kingston School of Art, Maniera, La Triennale di Milano, Volume Gallery. TRIENAL DE ARQUITECTURA DE LISBOA DIRETOR EXECUTIVO ADJUNTO / DEPUTY EXECUTIVE DIRECTOR Manuel Henriques ASSISTENTES DE DIREÇÃO / MANAGEMENT ASSISTANCE Helena Soares (Coordenação / Coordination) Cláudia Rocha PRODUÇÃO / PRODUCTION Isabel Antunes COORDENAÇÃO / COORDINATION Beatriz Caetano Carla Cardoso Carolina Vicente Inês Vidal Marta Moreira Ricardo Batista Sofia Baptista Tiago Pombal COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO / COMMUNICATION COORDINATION Sara Battesti ASSESSORIA NACIONAL / PRESS OFFICER Cláudia Duarte ASSESSORIA INTERNACIONAL / PRESS OFFICER Inês Revés EDIÇÃO / EDITOR Ana Guedes Ricardo Chambel Susana Pomba SERVIÇO EDUCATIVO / EDUCATIONAL SERVICE Filipa Tomaz (Coordenação / Coordination) Letícia do Carmo Joana Martins FINANCIAMENTO E PARCERIAS / FUNDRAISING AND PARTNERSHIPS Joana Salvado Joanna Hecker	DESIGN GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE / GRAPHIC DESIGN AND ART DIRECTION Marco Balesteros (Letra) ASSISTENTE DESIGN GRÁFICO / GRAPHIC DESIGN ASSISTANCE Raquel Guerreiro DIREÇÃO / BOARD OF DIRECTORS José Mateus (Presidente / President) Nuno Sampaio (Vice-presidente / Vice-president) José Manuel dos Santos Maria Dalila Rodrigues Miguel Varela Gomes Pedro Araújo e Sá A POÉTICA DA RAZÃO THE POETICS OF REASON CURADOR GERAL / CHIEF CURATOR Éric Lapierre CURADORES / CURATORS Ambra Fabi Fosco Lucarelli Giovanni Piovene Laurent Esmilaire Mariabruna Fabrizi Sébastien Marot Tristan Chadney ASSISTENTE CURATORIAL / ASSISTANT CURATOR Claudia Mion CULTURGEST PROGRAMADOR ARTES VISUAIS / VISUAL ARTS PROGRAM Delfim Sardo DIREÇÃO DE PRODUÇÃO / PRODUCTION DIRECTION Mário Valente PRODUÇÃO / PRODUCTION Fernando Teixeira Sílvia Gomes MONTAGEM / ASSEMBLY Michael Bennett Joris Dale Rute Delgado Laurindo Marta João Nora André Santos Maria Torrada
---	---	---	---

CONCEÇÃO E ORGANIZAÇÃO



COPRODUÇÃO



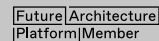
PARCEIROS ESTRATÉGICOS



PROGRAMA FINANCIADO POR



MEMBRO



COPRODUTORES



FUNDOS INTERNACIONAIS



PARCEIRO INSTITUCIONAL



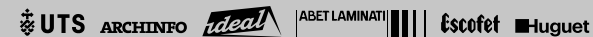
PARCEIROS



MARCAS ASSOCIADAS



PARCEIROS ESPECÍFICOS



PARCEIROS MEDIA



Com o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa. High Patronage of His Excellency the President of the Portuguese Republic Professor Marcelo Rebelo de Sousa APOIOS Canal 180, Cision, Dizplay, Other Features, Space Collectors APOIOS DO CONCURSO Rock-Cultural Heritage Leading Urban Futures, Young Bird Plan PARCEIROS INTERNACIONAIS École Nationale Supérieure d'Architecture de la Ville et des Territoires de Paris-Est (Marne-la-Vallée) MASTER OF INTERIOR Achitecture Research + Design (MIARD), Piet Zwart Institute, Willem de Kooning Academy, Hogeschool Rotterdam, Fundació Catalunya La Pedrera, Fondazione Aldo Rossi ASSOCIADOS Ordem dos Arquitectos, Casa da Arquitectura, Babel, Fundação EDP, José Mateus, arquitecto, Fundação Millenium BCP, Fundação CCB, Abreu Advogados

YellowOffice, Baldacchino di San Pietro, 2019



Franco Raggl, La costruzione della Tenda Rossa, 1975. Cortesia do artista / courtesy of the artist.



CICLO DE VISITAS A POÉTICA DA RAZÃO com convidados a anunciar	19 OUT 9 NOV	SÁB 16:00
CICLO DE VISITAS A POÉTICA DA RAZÃO com Ambra Fabi, Giovanni Piovene	30 NOV	SÁB 11:00
WORKSHOP pelo coletivo Traumnovelle	16-18 OUT	QUA-SEX 11:00
OFICINAS CRIATIVAS pela equipa da Trienal de Lisboa	12, 19 OUT 9, 16 NOV	SÁB 11:00
VISITAS AOS SÁBADOS com Ana Gonçalves	12 OUT 16 NOV	SÁB 16:00
VISITAS À HORA DE ALMOÇO com Ana Gonçalves	23 OUT 6, 20 NOV	QUA 13:00